

ENSAIO SOBRE A MINHA MORTE

AS BODAS DE SANGUE

A festa ia já a meio, mas os jornalistas teimavam em não cessar o seu labor. O casamento de Rodrigo Einfeld era um dos eventos do ano. Do alto da Torre Einfeld, sede dos negócios da família, exibia-se um show de glamour, onde desfilavam modelos de estilistas de elite – pelo menos no que concerne aos convidados do noivo, que constituíam um seletto grupo de advogados, médicos, economistas e, sobretudo, políticos, ou não fosse o patriarca da família o candidato do Partido Conservador à Presidência da República. Já do outro lado, o da noiva, os convidados eram poucos, restringindo-se aos que compartilharam com ela a convivência no orfanato da Fundação Einfeld, os quais considerava a sua família.

Mesmo que Jennifer não quisesse, o seu casamento era um evento, ainda por cima depois da morte de Lena. Por mais defeitos que tivesse, ela era sua amiga. Partilharam toda uma vida juntas e uniram-se ainda mais quando descobriram a paixão pelo jornalismo. Lena era, estranhamente, a única colega de trabalho que aceitara ir à festa original como convidada. Tal como seria para acontecer há seis meses, todos os outros estavam lá hoje a trabalho, pois não havia forma de o grupo Omega perder o casamento do filho de Jack Einfeld, potencial próximo presidente do país, principalmente depois da tragédia de há seis meses. Rodrigo e Jennifer ainda tentaram que a cerimónia fosse mais discreta, mas ninguém conseguiu demover Madeleine e Jack, que queriam a toda a força mostrar ao país que viviam no seio de uma família conservadora, tradicional e bondosa, mas sem perderem a pompa e circunstância que a posição exigia.

Deu-se início a uma série de discursos, todos eles repetidos vezes sem conta no definitivo jantar de ensaio, aos quais nem todos prestavam toda a atenção que supostamente deviam. Desde o padre ao sobrinho mais afastado, todos faziam enormes votos de felicidade e prosperidade ao casal. Foi durante o interminável discurso de Jack que Jennifer percebeu o quão distante e aéreo estava Selton. Aproximou-se dele e trouxe-o de volta à realidade:

-Estás a pensar nela, não estás?

-Desculpa. Eu sei que é o teu casamento e que era suposto estar feliz por ti, mas...

-Não tens que pedir desculpa. Eu também penso muito na Lena. Foi um choque para todos. Num momento, todos celebrávamos, ou ensaiávamos celebrar o meu casamento e noutra ela cai daquela varanda... Um trágico acidente.

-Eu não me conformo. Estávamos todos tão felizes... Ela estava tão feliz... O que diabos foi ela fazer lá para trás?... Mas pronto. Acho que agora ninguém me pode responder a isso. Cá estamos todos novamente. 6 meses depois, o mesmo local, outro jantar de ensaio e tu finalmente casaste.

-Eu e o Rodrigo tentamos adiar um pouco mais a cerimónia. Mas o Jack e a Madeleine insistiram tanto que o casamento fosse antes das eleições...

-Não te culpes. Tu tens que seguir a tua vida. Todos temos. E o Jack também não é burro nenhum... - ouviram um pouco do discurso de Jack - É incrível como até no casamento do filho aquele homem só pensa na política e em agradar aos Conservadores...

-É... É triste. O pior é que até o meu discurso foi feito pela assessoria de imprensa deles... Tudo falso, artificial... O Rodrigo pediu-me por favor para dizer tudo palavra por palavra. Eu amo-o muito, mas faz-me impressão a idolatria que ele tem pelo pai.

-Eu não diria idolatria. Parece-me ser apenas respeito. O Ed, esse sim, parece que tem o pai num pedestal, que faz tudo para lhe agradar. Mas é compreensível. Sempre viveu na sombra do Rodrigo. E o Jack sempre viu isso. Sempre reconheceu mais ao Rodrigo que ao Ed.

-É... Famílias disfuncionais. De certa forma eu, o Jim e a Lena sempre escapamos a isso. Éramos a família uns dos outros. Cada um com os seus defeitos, mas sempre nos apoiamos. Aí crescemos e vieram vocês. Tu, a Patrícia e o Rodrigo. E os três irmãos passaram a três casais.

-Quase fomos três casais... Se a Lena não tivesse...

-Vá. Ergue a cabeça, Selton. Onde quer que a Lena esteja agora, ela quer que tu sejas feliz.

-Pois. Mas era ela quem dizia o tempo todo que a felicidade nunca é plena quando não é verdade.

-A sagaz jornalista Lena Vale, sempre atrás da verdade. Ela era brilhante. Eu via-a como um exemplo. Um exemplo que eu nunca havia de alcançar. - Jennifer esboçou um sorriso – Mas a vossa felicidade era verdade. Ela amava-te. Disso eu tenho a certeza.

-A verdade, Jennifer, é que eu nunca vou saber a verdade sobre o motivo da ida dela lá para trás.

-Ela realmente deixou em ti um pedacinho dela. Vocês eram mesmo perfeitos um para o outro. O polícia e a jornalista investigativa. Nunca vos escapava um detalhe... Ouve o que te digo. O que aconteceu, aconteceu e quanto a isso nós já não podemos fazer nada. Resta-nos seguir em frente.

-Talvez tenhas razão... - ambos prestaram atenção ao padre Cory, que por esta altura discursava. Estava emocionado. Emocionado demais até, provavelmente devido ao vinho, ao qual o padre era bem chegado. Era visível o pânico de Jack, que via o discurso redigido pelos assessores a desviar-se dos trilhos. Quando percebeu tal facto, foi a mãe de Rodrigo quem fez um sinal a Jennifer. Esta percebeu a intenção de Madeleine: cortar o discurso de Cory e antecipar o seu. Assim fez.

Enquanto agradecia gentilmente ao padre pelas suas "sensatas e amorosas" palavras, Jennifer pensava no discurso que lhe haviam encomendado proferir. Decidiu deixar isso de lado e dizer o que o coração lhe pedia. Tinha naqueles minutos com o microfone uma chance de ser ela mesma num casamento onde tudo estava já ensaiado. Deixou as palavras saírem ao improviso.

-Antes de mais, quero agradecer a todos a vossa presença neste momento tão especial da nossa vida. Quero agradecer a vocês, Jack e Madeleine, que tanto afinho e carinho dedicaram a esta cerimónia. Por mim, podia ser bem mais modesta e discreta, mas eu compreendo-vos. Afinal, é o casamento do vosso filho, o meu tão querido Rodrigo. - a esta altura, Jack e Madeleine tinham suores frios. Era mais um discurso a sair da linha. Saíra-lhes pior a emenda que o soneto, porque não podiam cortar o discurso à noiva. Receberam um olhar de Jennifer, no entanto, que os tranquilizou. Ela assegurava-lhes não fazer asneira. - Quero agradecer ao Jim e à Patrícia. Obrigada, Jim, por seres o irmão que não nasceu ao meu lado, mas que a vida me deu. Obrigada pela cumplicidade de sempre, pelo ombro que tanta vez me ofereceste para chorar quando a vida não me sorria. Obrigada por teres aceite ser meu padrinho de casamento. E obrigada também a ti, Patrícia, por teres cruzado o caminho com o Jim. Por o manteres na linha. Obrigada por seres a minha madrinha de casamento, mesmo depois do que aconteceu, pela compreensão. Agradeço também ao padre Cory, que me criou como um pai. A mim e aos meus irmãos. Desculpe todas as birras, todas as fugas, todas as birras por achar que preferia o Jim... - todos soltaram uma gargalhada – Mas a verdade é que ele era sempre o certinho, eu invejava-o um bocadinho. - Jim e Jennifer trocaram um olhar cúmplice - Enfim... Obrigada por ter

sido o pai, o exemplo. - Cory já chorava, mas ninguém percebia se era só emoção ou se o álcool já exercia ali alguma influência - E por fim, eu queria fazer uma pequena homenagem a alguém que devia estar aqui e infelizmente nos deixou de forma abrupta há seis meses atrás. - o ar ficou pesado de repente – Ela cresceu comigo e juntas vivemos coisas que eu nem sei explicar. Mas parece que tudo ficou ainda maior quando a perdi. As gargalhadas que partilhávamos, as asneiras no orfanato, até aquela vez em que escondemos a bíblia ao padre Cory... - uma lágrima escorria já pelo rosto de Jennifer, ao mesmo tempo que um sorriso nostálgico se abria – Os primeiros namorados, os desgostos que partilhávamos juntas, o dia em que conhecemos o Rodrigo e o Selton, o dia em que lhe disse que o Rodrigo me tinha pedido em casamento... Tudo ganhou uma proporção imensa no meu coração. E depois vinha só uma pergunta: porquê? Porquê ela? Porquê no meu jantar de ensaio? Porquê uma semana antes do meu casamento? Porque é que eu estava a perder uma parte tão importante da minha vida? Até que eu percebi que não valia mais a pena perguntar porquê, procurar uma verdade que não existia. A Lena foi, mas ficou no nosso coração, na nossa memória. A Lena marcou a minha vida e a vida de muitas outras pessoas. É dedicado a ela que eu peço um brinde... - Jennifer parou subitamente. O microfone deixou de funcionar e as últimas palavras que ela tinha dito tinham já só se tinham feito ouvir na sua voz e não nas caixas de som. Jack fez sinal a um dos seguranças para verificar o sistema de som. O segurança reportou-lhe que este estava normal e Jack pediu-lhe que fosse ao andar inferior buscar outro microfone, pois o mais provável era este ter avariado. Quando o segurança tentou sair pelo elevador, o mesmo não abriu, pelo que ele decidiu ir pelas escadas, mas a porta que lhes dava acesso estava trancada. Ao aperceber-se que algo estava errado, Jack decidiu ligar à receção para saber o que se passava. Mas não chegou a fazê-lo, pois uma voz fez-se ouvir através das caixas de som:

-Guarde o telemóvel, dr. Einfeld!

O espanto tomou conta de todos os presentes: os empregados cochichavam entre si, os seguranças punham as armas em punho, os convidados olhavam-se confusos. Os anfitriões e os convidados mais chegados tinham a incredulidade e o ceticismo estampado no rosto, porque aquela voz era familiar. A voz repetiu:

-Guarde o telemóvel, dr. Einfeld. Faça-o a bem e não haverá problemas. - Jack obedeceu mas começou a praguejar. Entretanto Jennifer estava já num choro contínuo e Selton procurava incessantemente pela fonte da voz ao seu redor. A voz fez-se ouvir novamente:

-Bom. Antes de mais, boa noite. E dr. Einfeld, por favor, pare de resmungar e ouça com atenção. Eu quero que um de vocês se dirija à mesa das sobremesas. Lá encontrarão uma e apenas uma bandeja com tampa. Nessa bandeja estão nove microfones wi-fi.

Todos olharam para a tal mesa. Jack fez sinal a um dos seguranças para ir buscar os tais microfones, e ele assim fez. A voz surgiu novamente:

-Muito bem, senhor... humm... David. - o segurança mostrou-se assustado. A voz sabia o seu nome – Agora, sr. David, peço-lhe que entregue um microfone a cada um dos noivos, assim como aos pais do noivo, aos padrinhos, ao padre, ao irmão do noivo e... - ouviu-se um suspiro – ao senhor Selton Fergus. - o segurança fez exatamente o que a voz lhe mandou e recuou. A voz voltou a fazer-se ouvir – Devo avisar-vos que a única forma de saírem deste andar é atirando-se. Se algum de vocês se tentar comunicar com o exterior, as coisas podem tornar-se um pouco... humm... explosivas. Esses microfones servem para vocês se comunicarem comigo, pois, como o senhor Jack Einfeld deve saber, as câmaras de vigilância deste edifício não captam som, apenas imagem. - Jack balbuciou algo e a voz interveio – Diga? Pode repetir, sr. Jack? Não o consegui perceber!

Jack falou ao microfone:

-O que é que vem a ser isto? Isto é algum ataque?

-De forma alguma! - respondeu a voz, o que irritou Jack, que começou a resmungar, mas o seu microfone deixou de funcionar – Ah! Esqueci-me de informar... Os microfones só funcionam quando eu quiser. Mas como eu estava a dizer, isto não é ataque nenhum. Eu estou aqui apenas para repor a verdade. - Jack levantou a mão - Tem a palavra, dr. Jack.

-Quem é você? O que é que você pensa que está a fazer?

-E este é o homem que temos como candidato à Presidência da República. Um homem que não é capaz de reconhecer uma voz que ouviu durante tanto tempo. Deve ser o único que ainda não percebeu, mas tudo bem, eu não me zango. Até porque esta festa ainda tem muito para dar... O meu nome é Lena Vale e eu vou contar-vos como é que morri!